NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 164 NOVEMBRO 1959

PADRES... E CATEQUESE — Cardeal do Rio de Janeiro 297

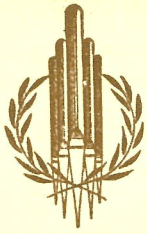
O MISTÉRIO DE NAZARÉ — Fernando Bello 303

CARACTEROLOGIA — António Serrão 310

TRIBUNA DOS LEIGOS — Jorge Biscaia 319

BIBLIOGRAFIA — Seabra Diniz 323

CRÓNICA — Francisco Duarte 325



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

VATICANO

Casa Ruvina

RUA FORMOSA, 173 — PORTO

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

Telef. 5 **J. d'Oliveira Tavares, Filhos** B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

PREMIADA EM 7 EXPOSIÇÕES: 4 ESTRANGEIRAS E 3 NACIONAIS

Assinatura anual	25$00
À cobrança	29$00
Número avulso	3$50
Para seminaristas de qualquer Seminário assinatura anual	20$00

NOVELLAE OLIVARUM

Director — JOÃO SEABRA DINIZ

Redactores — ANTÓNIO HENRIQUE — LUÍS MOITA — ANTÓNIO SERRÃO

Administradores — MANUEL ÁLVARO QUINTAS — VÍTOR GUALDINO

Proprietário e Editor — ANTÓNIO PINA COELHO

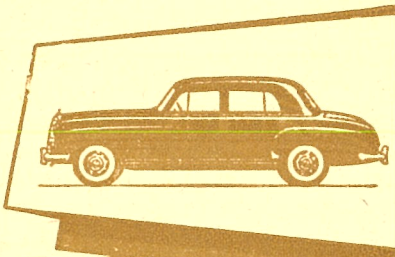
REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

Com a aprovação da Autoridade Eclesiástica

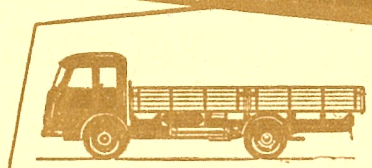
Tipografia — União Gráfica — Lisboa

MERCEDES-BENZ

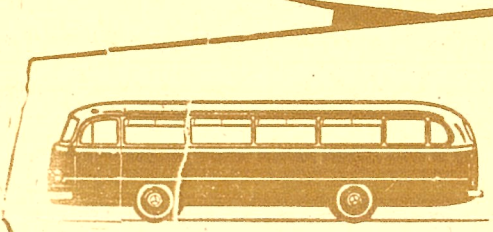
AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas

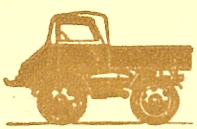


AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 e 41/43
lugares

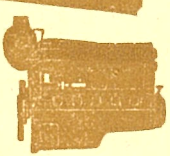




UNIMOG
tractor para todo o ter-
reno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS
para todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO COIMBRA BRAGA

FUNDADA EM 1756

«Cenáculo»

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

SAMPEDRO

M. D'OLIVEIRA & MARQUES, L.DA

P. dos Restauradores, 65, 1.º
TELEF. 3 08 76 — L I S B O A

Secção dos Tecidos Pretos R. M.

Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas.

✲

Elasticotines — Sarjas — Tropicais
Casemiras — Merinos — Sobretudos

✲

Alfaiataria — Capas — Gabardines

✲

Condições especiais para Finalistas

Secção de Livraria

Livros estrangeiros — Edições próprias

✲

Revistas estrangeiras: Lumen Vitae — Foyer Notre Dame — Famille et College — Ecclesia — Panorama Chrétien, etc.

✲

Filmes fixos e de movimento: (Catequese — ensino — divertimento)

✲

Máquina de escrever «Antares Micron»

✲

Máquinas de Projecção

PADRES... E CATEQUESE

(Palavras dirigidas por Sua Eminência o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, aos alunos do Seminário dos Olivais, quando da sua vinda ao nosso país para a inauguração do monumento a Cristo-Rei).

Para vos falar ex «abundantia cordis» tratarei um assunto que muito me tem ocupado. Trata-se do ensino catequético, da instrução religiosa do povo, não digo das crianças apenas, do povo, grandes e pequenos, porque o Código manda-nos fazer também o catecismo para adultos embora em muitos lugares não se faça. Posso dizer-lhes até que tomei parte num sínodo em que no momento em que se insistiu nessa matéria o prelado diocesano disse: «temos que cumprir o Código» e um dos párocos presentes afirmou que os trabalhos eram tantos que o tempo não dava para isso. Então o prelado respondeu: «visto isso, acabemos com o Código!...»

O pároco com esta palavra sentou-se dizendo «então acabemos com os padres», querendo dizer que o trabalho será tanto que não poderemos fazer outra coisa.

Há um erro de visão. Colocou-se aquele sacerdote num ângulo de visão errado... é que ele julgava que outros trabalhos teriam talvez ou deveriam ter a primazia. É o ponto fraco da catequese nos nossos países latinos. Não quero falar especialmente do vosso, meus caros seminaristas portugueses, porque não conheço a situação daqui. Mas conheço o meu, conheço um tanto da América Latina, conheço um tanto da Itália e creio poder fazer com estes conhecimentos já de tantas nações latinas e latino-americanas essa comparação desfavorável a nós. Enquanto nos povos anglo-saxões, pela necessidade de defender o povo contra o protestantismo os sacerdotes lhe dão estes meios catequísticos de compreender a doutrina e de viver segundo a mesma doutrina cristã, de sorte que realmente ele esteja defendido contra os erros protestantes, nós não tivemos as mesmas razões, os mesmos obstáculos, ficámos numa doutrinação muito suave, muito leve, quase formalística, livresca... e daí o avanço protestante nos povos latinos, sobretudo latino-americanos, ao passo que se vê o contrário na América do Norte, tanto Canadá como Estados Unidos, na Holanda, que foi protestante e hoje tem maioria católica não só no parlamento... não digo ainda maioria católica em população, mas em influência, de tal maneira que pode mandar missionários holandeses para tantas partes... como a Inglaterra, a Dinamarca, a Suécia, Noruega, esta última que não tinha Jerarquia católica e hoje já tem. O avanço do catolicismo na Dinamarca é muito grande; sabemos pela imprensa quantas conversões na Inglaterra — efeito de uma doutrinação dos católicos, aos católicos, ao passo que

nós... Vamos ver agora o reverso da medalha. Dois exemplos apenas; um em Paris outro no Rio de Janeiro.

Quando o P.e Pinard de La Boulaye substituiu no púlpito de Notre Dame de Paris o grande Ravignan, tomou por assunto das suas pregações quaresmais — catecismo. Naturalmente não o disse, porque a gente grande quando ouve falar em catecismo fica humilhada pensando que vai aprender o Pai Nosso. Porém os colegas que foram ouvir o novo pregador de Notre Dame, ficaram um bocadinho admirados de que o tema fosse só assunto catequético. Primeira, segunda, terceira conferência de catecismo... um que tinha mais intimidade perguntou: mas P.e Pinard, eu não compreendo como é que você consegue polarizar a atenção de tanta gente, fazer que Notre Dame se encha como no tempo do P.e Ravignan, se os seus assuntos são catecismo!» «É por isso mesmo. Eu conheço os meus parisienses, são curiosos, gostam de novidades e catecismo para eles é novidade».

Mas não foi só em Paris que aconteceu isto. Na minha grande capital, precisamente numa irmandade de adultos onde estão generais e ministros, certa vez... e é bom saber que não é o povo simples que ignora religião, não... são os mais taludos. Certa vez o capelão fez-lhes uma prática muito apreciada, e no domingo seguinte um daqueles indivíduos recebendo uns amigos à porta da sacristia abraça um deles dizendo: «ó fulano, você não sabe o que perdeu não tendo vindo aqui à Missa no domingo passado». «O que foi?» «Pois imagine que o nosso capelão nos explicou o sentido da vida. Para que vivemos na terra. Garanto que você não sabe». «E você sabe?». «Sei, ele explicou no domingo passado».

Por outras palavras, um tinha aprendido no domingo passado, ou outro ainda não sabia — a primeira pergunta do catecismo.

Estão vendo assim por estes exemplos e por outros que se podiam aduzir, quanta é a ignorância do assunto catequético nos nossos países latinos, ou pelo menos latino-americanos, e portanto a necessidade de fazer uma campanha no sentido de se aprimorar, se difundir o ensino do catecismo sob todos os aspectos.

No Paraguai, o ano passado, foi o tema das conferências eclesiásticas e da propaganda, de sorte que alcançaram bons resultados.

No ano passado, foi combinado na conferência dos Bispos Brasileiros que este ano fosse o do Catecismo no Brasil todo.

Programa nacional do Episcopado — aí está porque eu estou agora nadando em águas próprias. É por isso que lhes falei deste assunto, porque nos está muito a peito. Trata-se de uma difusão por todos os modos. O ano catequístico começou por uma reunião de Bispos e sobretudo de directores diocesanos de ensino religioso onde combinámos o que íamos realizar este ano. Ao menos um congresso catequístico em cada sede de bispado preparado por tríduos catequéticos em todas as paróquias, colégios religiosos, e, felizmente bastante se pode fazer também nas escolas públicas, porque no Brasil, embora o ensino religioso seja facultativo, há uma grande boa vontade da parte dos Governos, a ponto de em alguns Estados, creio que já em seis Estados do Brasil, haver o ensino catequético obrigatório.

Embora haja separação entre Igreja e Estado e não haja Concordata entre os dois poderes, temos felizmente o ensino muito aceito nas escolas.

Aproveitando essas possibilidades há mobilização de todos os que podem ensinar catecismo... começando pelos padres. Compreendem a minha malícia, não é verdade?

Sim, porque um dos maiores erros cometidos nesta matéria é julgar-se que o padre se possa ou deva ocupar com outros assuntos deixando a catequese para catequistas.

Se quisermos catecismo à altura das necessidades do nosso povo, nós padres, temos que ser os primeiros catequistas, e enquanto não ganharmos o clero para isto, não teremos catecismo à altura.

É verdade que isso nos dá um pouco mais de trabalho no sentido de aprendermos também a pedagogia catequética e não ficarmos sòmente a ensinar catecismo da maneira como talvez tenhamos aprendido quando eramos meninos. Mas se tudo o resto progride, se os métodos de ensino se actualizam na Matemática, na História, na Gramática e assim por diante, será só o catecismo que há-de ficar estagnado naqueles modos antigos? É talvez por causa disto mesmo que ele não tem entrado ainda bastante no povo, que ainda não tem atraido as crianças... porque se outros métodos, prémios, passeios e festas, por exemplo, atraiem a criança para o catecismo, nada supre a aula bem dada. Quando as crianças sentem que estão a aprender, quando o interesse delas é despertado para a aprendizagem das verdades cristãs, então gostam de voltar. Contam em casa aquilo que ouviram, as famílias vêem que as crianças estão aproveitando, que se estão mesmo corrigindo, devido ao catecismo não ser apenas uma coisa memorizada, compreendida até — digo até porque em muitos lugares se prendem apenas à memorização — mas que leva as crianças a viverem a fé, a corrigirem os seus pequenos defeitos, a lembrarem aos irmãozinhos em casa quando alguma coisa sucede ao contrário do que o catequista, sobretudo se é sacerdote, lhes ensinou... e isto faz bem aos pais que têm interesse em que os filhos sejam desta maneira bem orientados. De sorte que um catecismo vivo, bem dado, bem preparado de maneira a interessar as crianças, não só atraindo-as mas fazendo-as viver a religião, este é o verdadeiro catecismo e este também então atinge os adultos, primeiro indirectamente, depois pela pregação catequética.

Estamos no tempo do Pentecostes! Já repararam quanto catecismo colocou S. Pedro naquele primeiro discurso para conversão e baptismo daquelas primeiras pessoas, e que catecismo bem dado, que logo tanta gente se quis baptizar? Vejam aquele outro diácono Filipe... Portanto, estamos vivendo um momento litúrgico em que o catecismo, naturalmente, faz parte dos nossos pensamentos. E é uma infelicidade, precisamente que se preparem sermões festivos apenas, que foi um dos males. pelo menos no Brasil, de onde eu posso dar testmunho. Festivos sermões que muitas vezes nem eram compreendidos pelo povo mas só por algumas pessoas que comparecem eventualmente nestes dias para ouvir o grande orador... e o resto, jejum não só de quaresma mas do ano inteiro.

Estamos vendo, portanto, que é assunto de primeira qualidade; até para verificarmos as vocações sacerdotais, quanto o catecismo concorre!

Quando o próprio pároco ensina catecismo aos meninos vê as reacções das crianças, nas horas de recreio observa esses meninos, percebe quais são os mais inteligentes e piedosos, dirige-os e começa a aparecer uma floração de vocações. Eu tive experiência disto em paróquias dos subúrbios do Rio de Janeiro, onde o padre conhecia perfeitamente as crianças e onde durante a visita pastoral em que eu também sou catequista — duas vezes por dia, durante a semana inteira... Quando vou à visita pastoral transfiro-me para a paróquia fico lá dia e noite, de sorte que dou catequese duas vezes por dia para aproveitar as crianças dos dois turnos escolares. Numa dessas

ocasiões, o pároco da paróquia a que me refiro que é do último subúrbio do Rio de Janeiro, próximo já da diocese de Petrópolis — por sinal a paróquia chama-se Vigário Geral — conhecia perfeitamente os alunos e dizia: «sr. cardeal, observe um bocadinho aquele menino, penso que ele serve para o seminário». Outro dia era aquele outro e no fim da visita pastoral foram cinco meninos para o seminário! Mas porque o pároco os conhecia e me podia dar informações! Agora imagine-se se este como alguns outros fizesse de outra forma. Ele ficasse lá, matriculasse as crianças no catecismo, e as catequistas que se arranjem, cada uma com o seu método, com o seu programa, com toda a liberdade mas com toda a ineficiência. Não! O pároco precisa de estar à frente... e srs. seminaristas eu sou às vezes um bocadinho radical em certas opiniões, não sei se esta vai ferir quem quer que seja, mas eu acho que o seminarista que não tem vocação para o catecismo, tem vocação talvez para uma coisa mais elevada, não sei... para Bispo e para Cardeal em todo caso não, porque nós precisamos de ser catequistas também. S. Pio X não sòmente como sacerdote, cónego, etc., mas como Bispo de Mântua, como Patriarca de Veneza... e como Papa dava catecismo no Vaticano, catecismo para adultos ele o dava pessoalmente! E no entanto o Papa tem tanta coisa em que se ocupar, não é? Mas achou que o catecismo tinha o seu lugar também entre as suas ocupações. E para o cura de almas o catecismo é a primeira obrigação. A Congregação da Doutrina Cristã é a primeira das associações... Pode haver todas as outras, mas não pode faltar esta. Não é para nada que ela está no Código. São duas entidades mandadas pelo Código sendo que a do SS. Sacramento pode ter várias modalidades. A Doutrina Cristã, seja com o nome de Congregação, de Associação, de Sodalício — o nome não importa, mas a realização é necessária.

E o catecismo para adultos... é impossível? Eu sei que não é tão fácil. Sobretudo não deve ter este rótulo — «catecismo para adultos» — porque poderia afastar certa gente que se julga superior a isso quando talvez fosse a mais necessitada, porque os senhores hão-de convir comigo que às vezes uma pessoa que não sabe ler não sinta necessidade de saber ler. Aquele que sabe alguma coisa sente a necessidade de saber mais.

Assim na religião também. Não há muito tempo, por ocasião do Congresso Eucarístico, um dos repórteres que nos ajudava lá no palácio de S. Joaquim para a divulgação, foi abordado por mim neste sentido. E perguntou-me: «e o sr. acha que a primeira comunhão e que a religião me faz falta?» «Sim, a prova está na sua pergunta. É tão pouco o que o sr. tem que nem sente a falta do que lhe está faltando».

Mas é assim... é assim... de sorte que muitas vezes os grandes que se acostumaram apenas com o catecismo formalístico de primeira comunhão, e sabe Deus de que maneira foi dado, não sentem necessidade de maior instrução religiosa e, no entanto, o Código prescreve.

A maneira de a fazer pode ser vária, conforme as circunstâncias. Se não podemos obter público para um domingo à noite ou à tarde, então aproveitemos uma missa pela manhã, a que for mais apropriada e em lugar de homilia, já que há tantas homilias durante a manhã inteira, uma das práticas pode ser catequética.

Mas há coisa melhor ainda. O Mês de Maria, que pelo menos lá para os nossos lados é de uma frequência extraordinária — é herança daqui, bem sei — oferece-nos trinta noites de pregação e onde isto continua pelo mês de Junho por causa do Mês do Coração de Jesus, são sessenta noites. Mesmo que se reserve o dia 31 de Maio para

uma pregação mais solene de coroação da imagem ou qualquer coisa assim, são sessenta pregações! E quantas vezes os sacerdotes se contentam em ler ou dizer um daqueles exemplozinhos piedosos com algum comentário, exemplos nem sempre autênticos diga-se a verdade e vão sustentando a devoção de devotas com essas coisas... naturalmente no dia em que a pregação for catequética essas sentem a falta daqueles exemplos, daquelas florinhas melodiosas e meladas, não é...? porquê? não estão acostumadas a receber uma alimentação mais forte e é disso que o povo está precisando. Porque se desperdiça essa ocasião tão boa!

E enfim, há ainda meios modernos, actualíssimos aproveitados pelos protestantes e espiritistas e muitas vezes não procurados e aproveitados por nós — a Rádio e a Televisão. No Rio de Janeiro, felizmente, este ponto está a ser bem aproveitado. Há vários sacerdotes e até leigos que dão instrução religiosa através da Rádio, em algumas estações diàriamente, algumas semanalmente, ou duas ou três vezes por semana. E na T. V. está também um programa de catecismo. Este meu secretário que trouxe comigo é o meu companheiro da T. V. Levamos quadros catequéticos, um interlocutor recebe as perguntas que me deve fazer para que haja unidade no assunto... respostas todas orientadas já pela preparação, porque tudo isto é preparado por escrito, não é inventado o momento, mesmo porque eu preciso de levar o material catequético para interessar o povo não sendo assim apenas uma conversa entre dois. Um leigo interlocutor faz-me as perguntas, dou-lhe as respostas e quando se trata da leitura de textos bíblicos um pouco mais extensos o meu secretário é que aparece na câmara... os quadros catequéticos são apresentados e quanta gente recebe assim instrução catequética que aliás não receberia! Entre eles protestantes, israelitas, espiritistas, que me mandam cartas e fazem perguntas. Uma das vezes, parando-me o automóvel aí numa esquina parou logo ao lado um outro e o dono do automóvel cumprimentou: «ah! sr. cardeal, eu vi o senhor anteontem, o senhor disse «berechit bara eloim». Era um hebreu, que tinha escutado o meu programa. Mas tudo de modo popular! Não tirem por esta frase que eu disse, precisamente para interessar israelitas que acaso estivessem ouvindo, que o tom seja elevado. Absolutamente nada. É terra à terra. É neste estilo com que estou falando, que toda a gente compreende. Para que é que a gente fala senão para ser compreendido? É preciso que seja dessa maneira. Não é para arrotar erudição, mas para dizer o que as pessoas precisam de escutar. E o resultado é que só no Rio de Janeiro há uns quatro anos havia 300.000 aparelhos de T. V. e foi verificado pelo IBOP (Instituto Brasileiro de Opinião Pública, que verifica a receptividade dos vários programas na imprensa, rádio e televisão) que entre os outros programas — e nisto é importante o que vou dizer agora — que tinham a receptividade de 8 % a 9 % o programa religioso a tinha de 12 % a 13 %. Portanto, o nosso povo está àvido de conhecimentos religiosos. Já não temos que lutar contra a indiferença, a apatia, mas eles desejam, eles querem... precisamos de aproveitar esta boa vontade. Agora demos por aparelho de T. V. nesta percentagem de 12 % uns cinco que ouvem — reparem que estou dando pouco porque no Rio a T. V. está de tal maneira a atrair a atenção das pessoas que quem não tem aparelho procura a amizade de um vizinho para se lá meter. Vamos encontrar sem exagero esse número de 5 na percentagem de 12 %, para cada um dos 300.000 aparelhos, que hoje são já muito mais, pois que o número é de há quatro anos, havendo ainda outras cinco dioceses que escutam também pois aquela torre cobre uma extensão

maior que o distrito federal. Que púlpito existe que possa atingir um auditório destes? Vejam que desperdiçado seria uma pena; e que diríamos se fosse aproveitado pelos inimigos!?

Aqui está caros seminaristas!... com os votos de que os senhores todos sejam apaixonados pelo catecismo, exímios catequistas e levem a pregação da verdade por esta forma aos corações de todos aqueles que tiverem a ventura de os ouvir, agora e no futuro, e que a Santa Igreja de Deus floresça cada vez mais em terras da nossa língua. Assim seja.

25 ANOS

DA

ACÇÃO CATÓLICA

- NOTAS
- DEPOIMENTOS

NÚMERO ESPECIAL DA NOVELLÆ OLIVARUM COM A COLABORAÇÃO DE VÁRIOS EX.mos PRELADOS, DIRIGENTES E ASSISTENTES DA ACÇÃO CATÓLICA, ETC.

UM NÚMERO QUE TEM DESPERTADO IMENSO INTERESSE PELA SUA AUTORIDADE, ACTUALIDADE E VALOR DE TESTEMUNHO.

ESPECIALMENTE RECOMENDADO AO CLERO E ORGANISMOS DA A. C.

Preço por exemplar **5$50**

O MISTÉRIO DE NAZARÉ (1)

(Au Cœur des Masses)

«Creio estar reservada às Fraternidades (2) dos Irmãozinhos do Padre de Foucauld especial missão de revelar às massas descristianizadas de hoje este «tesoiro escondido» do Evangelho: o amor de Deus e do próximo, a dignidade do trabalho, o valor da pobreza, a predilecção pelos humildes, a redenção pela cruz, a novidade sempre actual das Bem-aventuranças.

Mas *O Mistério de Nazaré* é a lição, não só para os Irmãozinhos, mas também para todos os cristãos, sacerdotes, religiosos e leigos, que aspiram a uma vida cristã autêntica — vida viva pela imitação de Cristo». (Senhor Cardeal Patriarca).

«Na mensagem do Padre de Foucauld há, indubitàvelmente, uma graça para o mundo moderno». (Arcebispo de Aix).

O Mistério de Nazaré au cœur des masses, dois títulos que se completam para sintetizar o que foi a vida do Padre Carlos de Foucauld, o que é a vida dos Irmãozinhos de Jesus surgidos a continuar a vocação daquele. É a espiritualidade desta Congregação religiosa, cuja primeira Fraternidade data de 1933 mas que só depois da última guerra tomou a feição actual, que é apresentada neste livro composto de escritos vários que o Superior Geral dirige aos seus religiosos, espiritualidade esta em que o ideal vivido pelo Padre de Foucauld foi superiormente sistematizado e adaptado à vida duma congregação pelo Padre Voillaume.

* * *

A figura do Padre de Foucauld é bem conhecida. A pouco e pouco ele foi «descobrindo» na evolução da sua vida conduzida pelo Espírito, os diferentes aspectos que caracterizam a sua espiritualidade: a imitação de Jesus na pobreza de Nazaré, a adoração da Eucaristia, a presença em amizade aos seus irmãos abandonados.

No dizer sintetizador dos esposos Barrat, «o irmão Carlos de Jesus tomou o

(1) René Voillaume. *O Mistério de Nazaré — Espiritualidade dos Irmãozinhos do Padre de Foucauld.* Ed. Paulistas, Lisboa 1958, 462 pgs. A itálico, citações do P.e Foucauld ou do P.e Voillaume.

(2) Nome das pequenas comunidades de 3 ou 4 elementos em que se agrupam os Irmãozinhos.

Evangelho a sério e aplicou-o à letra. Viveu-o e morreu-o. Não é necessário procurar outro significado à sua mensagem nem outra razão à atracção que ele exerce sobre tantas almas».

Na esteira do seu Pai espiritual, os Irmãozinhos de Jesus são essencialmente religiosos contemplativos, em imitação da forma de vida de Jesus em Nazaré. O centro da Família nazarena é Jesus, Ele é também o centro em torno do qual se desenrola a vida de cada Fraternidade: a vocação de cada Irmãozinho resume-se em procurar, no estilo de vida de Nazaré, uma união pessoal e íntima com Jesus. Tudo na sua vida brotará dessa união, procurada na Fé, na Esperança, na Caridade: numa confiança total n'Ele, procuram conhecê-l'O cada vez melhor para O amarem cada vez mais. E as fontes desse conhecimento e desse amor são a Eucaristia, o Evangelho e os homens com quem vivem.

Não posso conceber o amor sem ser uma necessidade, uma necessidade imperiosa de conformidade, de semelhança... escreveu o Padre de Foucauld. Esta necessidade imperiosa de semelhança leva os Irmãozinhos a serem pobres como Jesus em Nazaré, trabalhando manualmente e vivendo do produto desse trabalho como Jesus em Nazaré, «rezando sempre» na intimidade do Pai como Jesus em Nazaré, presentes em simples contactos de amizade aos homens seus irmãos como Jesus em Nazaré.

Mistério de Nazaré mas também mistério do Calvário, esta forma de vida toma todo o seu sentido no constante *espírito de imolação*, que é oferta ao Pai de toda a sua vida — trabalho, sofrimentos e alegrias — e da dos homens com quem contactam, em pleno mistério do Corpo de Cristo, unindo tudo à Paixão de Jesus e à de toda a humanidade.

O Padre de Foucauld morreu sem ver realizado o seu sonho duma família de companheiros de ideal — *Jesus quer que eu trabalhe para o estabelecimento desta dupla família... suplicando, imolando-me, morrendo, santificando-me, amando-O em suma...* — como Jesus morreu no falhanço de 6.ª feira santa. É esta a lei da eficácia do apostolado dos Irmãozinhos: oferecer na fé a *abjecção* da sua vida.

Na fé e na confiança. Tudo na sua vida é confiança em Jesus, na consciência das limitações próprias, da impossibilidade de o homem fazer algo por si só na linha da união com Deus: «aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível». Confiança que resulta em espírito de infância face às próprias fraquezas, lembrando uma Teresa de Lisieux: *a vossa disposição fundamental de alma deve ser, segundo me parece, a um tempo desconfiança completa de vós mesmos, que se irá acentuando à medida que ireis experimentando a vossa impotência nas derrotas e dificuldades, e uma coragem sem quebra na luta, coragem que encontrará a sua única fonte na vossa fé confiante em Jesus e nas suas promessas: «Tudo é possível àquele que acredita». Uma vez mais, vos quero conduzir à via da infância de St. Teresinha.*

Todo o livro do Padre Voillaume não faz senão desenvolver e mostrar vários aspectos da intuição fundamental que anima os Irmãozinhos: *uma vida total e contìnuamente presente tanto a Deus, na oração de adoração e reparação pelo mundo, como aos homens, na pobreza e na caridade verdadeiras.*

* * *

Pobreza, trabalho, oração eucarística, dom de si mesmos em simples contactos fraternais, eis os aspectos essenciais da vida que por eles deve ser realizada...

A pobreza desejada é a do Evangelho: bem aventurados os pobres... É procurada porque é imitação de Jesus, porque Ele a amou e escolheu para si, porque liberta para Deus. É antes de mais pobreza de espírito, como o foi em Jesus, e frutifica em alegria.

E como em Jesus é pobreza exterior. Pobreza de pobre. Não só porque vive como pobre — exigência aliás do voto de pobreza — mas porque é considerado socialmente como pobre. Pobreza que ultrapassa a consideração social de que goza normalmente um religioso e faz perder o Irmãozinho numa fábrica, num bairro de latas, numa aldeia perdida nos confins da Terra.

É finalmente uma exigência de amor pelos irmãos pobres. Que o faz tornar-se um igual a eles, possibilitar-lhe uma amizade franca e simples, de igual para igual. Pobreza de testemunho evangélico entre os próprios pobres, entre os homens mais desprezados e abandonados.

O trabalho vem na linha da pobreza de que é um elemento fundamental. Viver ùnicamente dum salário reduzido implica insegurança permanente — e confiança total no Pai que conta todos os cabelos que caiem, que alimenta os pássaros e veste os lírios — insegurança face ao desemprego, à doença, à velhice. Hospital, asilo, abandono, fome, é o que os espera. E o que eles escolhem.

E é também elemento de contacto fraterno que os torna «um dos deles», meio de «naturalização».

O trabalho é amado porque Jesus trabalhou. Porque é valor humano e portanto valor cristão. Porque é serviço concreto dos homens. Porque é redentor. E porque é necessário que haja quem ensine tudo isto — o sentido cristão do trabalho — aos trabalhadores. Ensine não por discursos — eles não os entendem — mas por testemunho vital, de quem trabalhe.

Os Irmãozinhos de Jesus vivem uma espiritualidade de pobre, de trabalhador humilde, e isso é uma riqueza extraordinária para a Igreja que acredita na possibilidade de vida cristã das massas trabalhadoras. É descoberta e testemunho. Irradiação do Evangelho a quem está em excelentes condições para o entender.

A oração do Irmãozinho será sempre uma oração de pobre, de «gente sem estudos» (3). De quem é devorado por uma vida agitada e muito dura. De quem é simples e tem alma de criança.

Adoração do Senhor, do Criador, do Redentor. De Alguém que tem direito a momentos de cessação da actividade temporal das suas criaturas racionais. Dos seus filhos. Como Jesus que vivendo em visão beatífica procurava momentos de isolamento para rezar (por necessidade do seu ser homem, não «só para dar o exemplo»).

A oração do pobre tende muito ràpidamente à simplicidade, isto é, a uma presença nua a Jesus — na Eucaristia, no Evangelho — no despojamento, na fé. Sem discursos, porque o Pai sabe do que ele precisa. Presença de todo o ser, da vida toda e de todos os que passam por ela, em sinceridade que mostra ao Senhor, seu Irmão,

(3) Endenda-se: eles têm no mínimo 3 anos de estudos filosóficos e teológicos.

toda a sua miséria e todo o seu desejo de entrega. Profundamente ligada à vida, recebe dela a caridade autêntica — não a do que diz Senhor!, Senhor!, mas a do que cumpre a vontade do Pai — e enche-a por seu turno dessa mesma caridade. Dialéctica duma vida profundamente una, na unidade de vida da criança.

Oração de dom total de si a Jesus. Aceitação da oração que o Senhor lhe pede na altura, sentida ou não. Despreocupada de si, para que Jesus venha rezar nele ao Pai. Que exige uma ascese da imaginação e da inteligência, mas que sabe essa ascese ser meio, não fim.

Oração que se estende difusamente a todo o dia, em curtos instantes de contacto com Deus, que desabrocha em visão de fé da realidade quotidiana, que actualiza o sacrifício da Missa matinal, que mantém o *espírito de imolação*.

Oração, enfim, de delegado dos seus irmãos, de quem está *presente nas solicitações importunas dos acontecimentos, do trabalho, da fadiga e sobretudo do sofrimento dos homens, em face do qual ele deve renunciar ao desejo de fazer qualquer coisa eficaz, pois não tem o poder de curar todos os sofrimentos*. Oração de quem tem sobre o mundo o olhar de Jesus, consciente da Misericórdia e da Santidade do Pai, da infelicidade e do pecado dos homens. Que se fortalece na meditação do Evangelho, no procurar nele resposta para os seus sofrimentos.

No dom de si em contactos fraternais, naquilo a que o Padre Voillaume chamou o *apostolado silencioso da amizade*, o Irmãozinho tornará presente o seu *bem-amado Irmão e Senhor Jesus* no ambiente em que vive.

Testemunho na sua forma mais pura, porque aquela em que o homem põe menos entraves à acção de Jesus e porque totalmente condicionado pela união pessoal que realizar com Ele, constitui com a situação social de pobreza a nota nova desta espiritualidade contemplativa. Apostolado que usa *meios pobres*, aqueles meios que por definição *não podem iludir se aquele que os emprega não é santo*.

«Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; que assim como Eu vos amei, vós também vos ameis uns aos outros. É por isto que todos saberão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros». *Ora*, diz o P.e Voillaume, *creio que se pode descrever a vida dos Irmãozinhos como toda orientada, e orientada com lógica e com uma grande unidade, para a pregação, através da vida, da caridade fraterna*. É a aspiração de Carlos de Foucauld: *gritar o Evangelho por toda a minha vida*.

Para isto eles chegam ao último grau da pobreza, aquele em que se fazem totalmente iguais aos seus irmãos para se darem a si mesmos na amizade. Igualdade que exclui toda a ilusão de superioridade, que renuncia até a qualquer forma de apostolado visível que os tornaria automàticamente superiores, alguém «que dá». Porque a única coisa a dar é o sinal de que se é discípulo. *Esse sinal devemo-lo dar em plenitude. Cristo ordena-nos que amemos os nossos irmãos, os mais afastados de nós como os mais pequenos, e nós queremo-lo fazer lealmente. Os nossos amigos não terão a temer de nós nenhuma pressão indiscreta, nem nenhuma segunda intenção; nós amamo-los de amizade, qualquer que seja a sua atitude face à mensagem cristã. Mas o nosso desejo está presente, em toda a sua força discreta, mas plenamente respeitador da liberdade dos corações.*

É, afinal, o apostolado da maior parte da vida de Jesus, o dos anos de Nazaré.

Desta perspectiva resulta a vocação de universalidade que o Padre de Foucauld tanto desejou para os seus Irmãozinhos: desfazem as barreiras da diferença de classes, do racismo, do colonialismo, de todas as formas de ódio que dividem os homens de hoje levando-lhes a «amizade que não traz nada para dar». E vão até aos meios mais desprezados e inacessíveis aos missionários: *levando-lhes uma amizade fraterna, salvá-los-ão da sua inferioridade, restituindo-os à sua dignidade de homens.*

* * *

Ao longo dos quase vinte séculos da sua existência, a Igreja tem visto surgir no seu seio diferentes espiritualidades, todas elas vividas por alguns dos seus mais santos filhos e mais ou menos fielmente seguidas por um número considerável de cristãos. Desde que sejam aprovadas pelo Magistério, todas oferecem garantias de que não diferem nos elementos essenciais — fundamento dogmático e sacramental da piedade que inspiram, cultivo das virtudes bases da vida cristã, etc. — e de que são proveitosas para muitos espíritos, e assim não terá sentido dizer que uma é melhor ou pior que outra. A diferença que fazem reside no aspecto do Mistério cristão que de preferência visam, ou também na concepção do homem que lhes está subjacente. Por isso, a classificação que merecem será sempre relativa a determinada época ou classe de pessoas, para quem serão mais ou menos válidas.

Nesta ordem de ideias, parece-me não sair fora do pensamento dos dois ilustres Príncipes da Igreja citados a afirmação de que esta espiritualidade é profundamente válida para uma certa mentalidade de hoje que, opondo-se em muitos aspectos à das gerações que nos precederam, parece apresentar-se como dominante neste nosso século de revoluções profundas e capaz de determinar as orientações da história.

O que é importante e justifica a actualidade desta mensagem é, me parece, em primeiro lugar o realce dado aos valores cristãos que o nosso tempo mais desconhece, na sua concepção fàcilmente materialista do homem e do seu destino. Materialismo que se manifesta no ateísmo das massas, no ódio e egoismo nas relações humanas, na avidez de dinheiro e prazer, no «laisser-aller» nos costumes, na mística gideana da «sinceridade» ao instante que passa, no pecado cujo sentido se perde.

A resposta de Carlos de Foucauld pega no sermão da Montanha e grita-o, realça o que poderíamos chamar os valores gratuitos do cristianismo: a contemplação, centro e fim da vida humana; a adoração com sentido em si mesma, como exigência máxima do Senhor a cada um dos seus filhos; a amizade e o serviço desinteressados e respeitadores da pessoa de cada homem com quem se contacta; a pobreza levada a um grau que incomoda o nosso burguesismo; a exigência de pureza; e a de fidelidade em cada instante ao «engagement» tomado por uma fé lúcida; o espírito de redenção na imolação, no sacrifício silencioso, pelo pecado dos que não sabem já que o fazem.

E também a nós, padres, constantemente assaltados pela tentação da eficácia controlável, do rendimento exterior, e, a pior, do tecnicismo na dilatação do Reino de Deus, um Reino que começa do tamanho dum grão de mostarda e é um Reino

em espírito e verdade, um Reino que é diálogo interior da graça e da liberdade, também para o nosso apostolado há uma graça na mensagem do Padre de Foucauld, que vinca até ao extremo os valores essenciais do testemunho de Jesus que todo o cristão — e o padre a *fortiori* — é chamado a dar: uma amizade séria e atenta a cada pessoa, por simples que seja, numa visão de fé que acredita vir o incremento do Senhor. Valores gratuitos também estes, despojados de tudo o que possa empanar o seu brilho, a sua pureza, a sua «pobreza».

Mas a graça de que fala o Arcebispo de Aix é uma graça de baptismo, morte ao não-valor, cristianização do valor: a espiritualidade dos Irmãozinhos fala uma linguagem que nós hoje entendemos — e sou tentado a recomendar a leitura do original, no francês sóbrio e arejado do Padre Voillaume —, firma-se em valores que cultivamos; faz-nos encontrar a simplicidade, a verdade e a exigência do Evangelho e é este alimento que nos propõe.

Tudo tem que partir do encontro com Jesus, vivo na Eucaristia e na Escritura, encontro que há-de desabrochar em caridade para informar tudo o resto. Retorno ao «ama e faz o que quizeres», constitui o que se pode chamar uma «espiritualidade aberta», eminentemente susceptível de evolução nas suas manifestações exteriores, evolução essa que será condicionada pela «situação» de cada pessoa e pelas exigências da sua caridade em crescimento. Como resultado, cada pessoa tenderá a seguir um caminho de autenticidade, um caminho em que cada um será santo à sua maneira, numa personalidade própria harmoniosamente desenvolvida, como é uso ser a marca do Espírito Santo nos santos que a Igreja nos propõe como exemplo. Porque o que chamei abertura é ao mesmo tempo que respeito da situação e liberdade de cada um, respeito do próprio trabalho do Espírito que sopra onde quer.

Outra característica que contribui para esta autenticidade é o que se poderia chamar respeito pela lei da incarnação: o Padre Voillaume propõe-nos a procura duma base psíquica verdadeira que permita tender à unidade do agir que corresponde à unidade matéria-espírito que é o nosso ser. Nesta linha, a virtude não é concebida como algo de individual, qualquer coisa que se pode exercitar no quarto, mas como essencialmente comunitária. tendendo a estabelecer as relações humanas na franqueza e na lealdade, em amor terno e viril, forte como a morte mas imensamente respeitador do outro.

Em resumo, esta autenticidade resulta de que tudo «vem de dentro», do encontro generoso com o Jesus do Evangelho, o Jesus verdadeiro, não desfigurado por uma literatura e uma piedade um pouco sentimentais.

Na lista dos valores hoje especialmente cultivados vêem a simplicidade e a sinceridade. Simplicidade da própria estrutura da espiritualidade, que a torna acessível a qualquer pessoa, com qualquer grau de cultura, vivendo a agitação da nossa vida. Simplicidade da infância espiritual, que é realista e conhece o risco, mas o enfrenta sem procurar fugir-lhe com medidas de segurança «exteriores», não autênticas. Enfrenta-o com a serenidade de quem confia em Jesus, de quem Lhe é totalmente sincero e transparente, de quem está disposto a dar-Lhe tudo.

Numa terceira observação, parece-me importante salientar o lugar fundamental que toma nesta espiritualidade o amor do próximo, afinal o lugar que o Evangelho lhe dá, o lugar que os Santos sempre lhe deram: o segundo mandamento, que é semelhante ao primeiro.

Os outros não são uma ocasião para «eu ter caridade», mas são os meus irmãos, meus iguais, em quem o Senhor Jesus está, em quem O posso amar. E como não encontro Jesus no outro senão na medida em que o encontrar no mais fundo do seu «eu», naquilo que o torna filho de Deus, a preferência vai para os mais humildes e desprezíveis, para aqueles que não podem ser amados pelo que «têm» mas só pelo que «são», para aqueles em quem nada atrai a não ser — e é tudo — o serem amados por Deus.

O Padre Voillaume revela uma profundidade filosófica e teológica admirável — e esse é um dos seus grandes méritos — mas também um extremo bom senso e realismo. A leitura isolada de quaisquer textos pode levar a erros grosseiros, por parcialização da sua visão da realidade humana; uma espiritualidade com um carácter tão acentuado de simplicidade e de confiança na graça e, em certa medida, no homem, uma espiritualidade que foge tanto ao uso de quadros exteriores rígidos por medo do abuso que pode advir, não pode ser entendida senão à luz da exigência de entrega ao Senhor e de fidelidade totais que transparece em cada página.

Os Irmãozinhos de Jesus encontram na sua vida três trunfos fundamentais: a comunhão com Jesus (sinceridade e generosidade plena), a dureza da sua vida quotidiana (a nós importa criar um quadro de vida igualmente exigente, numa linha de pobreza e renúncia) e a ajuda dos companheiros de Fraternidade (em especial nas «revisões de vida», exames de consciência que todas as noites fazem em comum, em nova exigência de sinceridade).

* * *

«Há uma graça para o mundo moderno na mensagem do Padre de Foucauld», repete o Arcebispo de Aix: que a tradução que nos é oferecida pelas Edições Paulistas seja portadora dessa graça para o Portugal cristão que se renova.

FERNANDO BELLO

OS E A P (Coléricos)

I — INTRODUÇÃO

A caracterologia parece ser hoje, o esforço mais bem sucedido no campo do conhecimento da pessoa humana. Com efeito, ela — e só ela — conseguiu realizar a nível científico a observação do homem todo, na multiplicidade dos seus comportamentos determinados e livres, feita no seu *habitat* natural, sem o colocar em falsas e artificiais situações que, juntamente com um interesse focado apenas num aspecto da sua totalidade (inteligência, personalidade profunda, qualidades profissionais...) têm produzido resultados de difícil interpretação, conducentes quantas vezes a erradas e até perigosas conclusões. E pensamos neste momento em certos «testes de personalidade» cujos resultados não são muito satisfatórios, nem parece provável que o venham a ser (1). Ora a caracterologia, observando o indivíduo na sua acção espontânea e livre dentro do seu próprio ambiente, dele nos dá um retrato muito mais exacto, permitindo que a acção educativa seja eficaz porque verdadeira.

O método que utiliza não é, como nas diversas psicologias, meramente indutivo pois este só tem total cabimento no estudo do infra-humano, dos seres não dotados de liberdade; esta obriga à introdução de um novo processo: a simpatia dialéctica e a intuição caracterológica pela qual nos colocamos no ponto de vista do sujeito observado para compreendermos as suas reacções e em certa medida as fazermos nossas.

Porque o homem é um ser livre, usando mais ou menos dessa liberdade, não é possível descrevê-lo com a fixidez, o determinismo utilizados em outros casos; além disso, porque é um ser espiritual, é um ser único e nenhuma classificação o incluirá completamente. É possível contudo definir tipos de caracteres dum dos quais cada indivíduo se aproxima um tanto ou quanto e nos permite fazer dele uma descrição mais exacta, pormenorizada e sistematizada que, repitamo-lo, não esgota nunca a riqueza individual e na qual, muitas vezes, o «carácter padrão» engloba traços que tal pessoa não possui.

É principalmente pelo uso de questionários que se tem procedido à investiga-

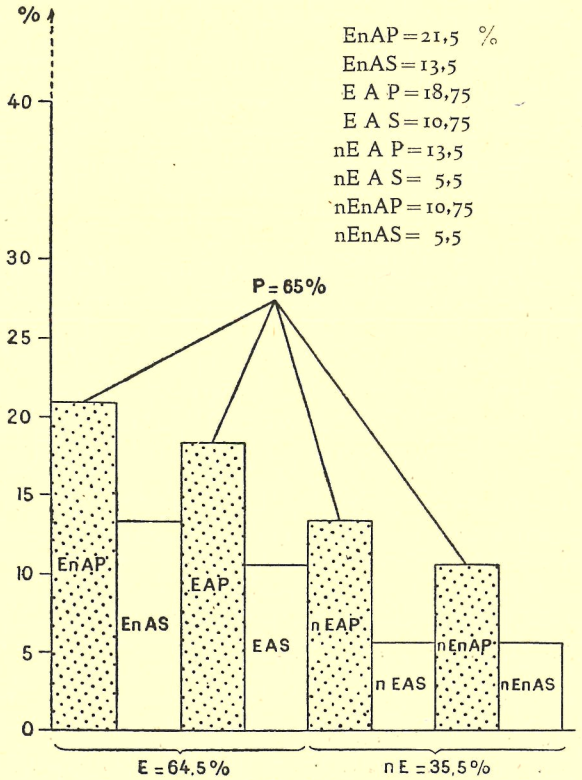
(1) Sobre o valor dos testes e sua utilização em caracterologia, leia-se a «Introduction Méthodologique», pág. 9-31, da «Caractérologie des Enfants et des Adolescents» de André Le Gall, 1.ª ed., Col. Caractères, P.U.F., bem como o cap. II da «Analyse caractérielle des élèves d'une classe par leur maître», pág. 20-30, de Roger Gaillat, na Col. Caractères da P.U.F.. Estudo excelente de Le Senne no seu *Traité*, pág. 28-34, sob a rubrica *Psychotechnique et caractérologie*.

ção caracterológica; adiante daremos alguns resultados estatísticos. Estes questionários, regra geral, são de aplicação simples e de interpretação quase imediata o que os torna perfeitamente indicados para a grande massa dos educadores sem especial formação científica, os pais em particular. Sendo assim, a caracterologia parece ser a ciência mais acessível (ao menos em certos aspectos técnicos) e a mais prática pois tem aplicações variadíssimas: educação, pedagogia, didáctica, orientação escolar, profissional e pessoal, etc..

Foi com a finalidade de iniciar e criar interesse por ela que em tempos se escreveu nesta mesma revista um artigo sobre o assunto (2). E é dentro deste mesmo plano de divulgação que hoje apresentamos um outro, escrito sem pretensões de originalidade, cheio de reminiscência de múltiplas leituras, trabalho de um estudante para leitores que, na maioria, supomos serem estudantes.

*

Tendo-nos já debruçado sobre as E nA (emotivos-inactivos) nervosos e senti-



(Reproduzido de R. Gaillat, l. c., pág. 142)

(2) Novellae Olivarum, n.º 161, Maio-Junho de 1959, pág. 105-129.

mentais, iremos agora estudar os emotivos activos: coléricos (EAP) e apaixonados (EAS). Supomos que deste modo daremos uma visão geral de quase toda a população portuguesa. Esta, se é certa a nossa conjectura, parece ser constituida na sua maior parte por emotivos (activos e inactivos) dos quais uma boa percentagem talvez seja de primários. Se fizéssemos o recrutamento caracterológico das nossas escolas, é possível que viéssemos a traçar um gráfico semelhante ao que R. Gaillat estabeleceu em França, numa das suas classes.

O aparecimento da actividade (A) na fórmula caracterológica trás consigo uma profunda modificação nas atitudes perante a vida, tanto mais visível quanto mais a emotividade (E) lhe dá colorido e vigor; a acção poderá ser dispersa, descontínua e espalhafatosa (P) ou concentrada e seguida (S). No inactivo, a emotividade cai sobre o sujeito e nele fica sob a forma de emoção, com frequência depressiva («émotivité tombante»); a emoção ou se traduz em reacções rápidas, superficiais e efémeras (emotividade reactiva da primaridade) ou é acumulada longamente, podendo causar fundas perturbações e explodindo sùbitamente com uma violência inesperada (emotividade explosiva da secundaridade). Mas, nervosos ou sentimentais, sempre os E nA usarão de um comportamento passivo em relação ao real, nem sempre tendo a coragem de a ele se adaptarem e quase nunca se atrevendo a modificá-lo, donde resultará por vezes «um sentimento de esmagamento pelas coisas, um medo da acção e um tédio indefinível» (3) que lhes matizam de sombras a existência, causando-lhes um sofrimento real, embora nem sempre muito razoável.

No homem activo, a emotividade é libertada e gasta numa obra a realizar: daí a impressão de plenitude, de segurança e o eucolismo por ele experimentados. O real não é algo que se opõe e que se sofre, antes é objecto da acção e pretexto para agir.

Ao deixarmos para trás os E nA, perdemos o contacto com sensibilidades extremamente ricas que tanto favorecem a arte; mas essas sensibilidades eram também a causa de toda uma problemática interior, produtora de divisões, de lutas — numa palavra, de fraqueza.

Os activos são os homens da unificação interior, mesmo quando a primaridade os lança nas mais diferentes emprezas. São eles também os construtores da história, sobretudo se à actividade se junta a força arrebatadora da emotividade. Todos os outros caracteres com estes colaboram ou por eles são arrastados, mas isso são também maneiras absolutamente válidas e quantas vezes admiráveis de participar na feitura de um universo humanizado. Se «a inactividade diminui o valor das obras aumenta a densidade da consciência pessoal» (4) e o que se vai ganhar em realizações sólidas e duradoiras perder-se-á em riqueza do sentimento íntimo de si.

II — RETRATO PSICOGRÁFICO DO COLÉRICO

O EAP (colérico ou «activo exuberante» como pretende Le Gall) em muitos pontos se aparenta com o nervoso, pois ambos partilham o agrupamento EP. Consul-

(3) Gaston Berger, «Traité pratique d'analyse du caractère», pág. 31, Col. Caract., P.U.F.
(4) René Le Senne, «Traité de Caractérologie», pág. 291-3, col. Logos, P.U.F..

temos os resultados estatísticos do inquérito de Heymans e Wiersma, referidos por Le Senne, e onde se vê que o paralelo é flagrante (5):

QUADRO — I

PROPRIEDADES	*Col.*	*Nerv.*	*Média*
Agitado e atarefado	77,4 (Máx.)	70,7	40,6
Calmo e repousado	20,6 (mín.)	24,1	55,8
Impulsivo	73,2	78,2	43,6
Violento	75,9 (Máx.)	75,9	45,7
Frio e objectivo	10,9 (mín.)	12,1	40,6
Simpatias mudáveis	51	57,5	25,7
Muito tempo sob as impressões	9,3	12,1	19,7
Gosto pelas mudanças	72 (Máx.)	71,8	43,1
Procurar resultados imediatos	52,1	66,7	39,5

Este quadro dá-nos já um primeiro retrato do colérico: Sensibilidade à flor da pele, a tudo reage, com tudo vibra, por tudo o que é novo se interessa; além disto, depressa esquece os desgostos, ama apaixonadamnte as mudanças, as novas impressões.

Fàcilmente sucumbe à tentação de mentir por exagero ou por gosto de inventar. Ouçamos R. Gaillat:

> «Olivier (EAP, 8 anos e 1/2) é o herói do seguinte desafio de futebol: «Éramos 20 na nossa equipa. Na outra havia mais dois do que nós. O jogo começa. Nós tínhamos a bola: eu passo-a a um companheiro. Ele manda-ma contra uma perna e parte-me a perna». Tendo riscado a última frase a fim de ser mais sincero, tive a surpresa de ler esta nova versão que é, pelo menos, inesperada: «Chuta-ma contra o braço e parte-me o cotovelo!» (6).

Tais mentiras não devem preocupar excessivamente os pais e educadores. Elas são fruto da emotividade, sempre maior nas crianças do que nos adultos: «um certo grau de mendacidade é perfeitamente normal durante a infância nos caracteres emotivos» (7). Contudo não demos à criança a ideia de que tomamos a sério tais fantasias, mostrando-lhe claramente, até por um encolher de ombros ou por um sorriso benevolente e divertido, que sabemos distinguir um relato sério, de uma simples brincadeira.

Esta tendência à mentira não é senão um desvio a corrigir de uma qualidade notável: a aptidão oratória, tantas vezes empregada no púlpito, como nos parlamentos e tribunais! O colérico gosta de falar, mas gosta sobretudo de ter um auditório

(5) A 1.ª coluna é a transcrição abreviada das perguntas do questionário; as três restantes dão-nos as percentagens obtidas pelos coléricos, pelos nervosos e pelo conjunto de todos os caracteres em cada um dos pontos indicados. Assim, para a 1.ª pergunta, Col. 77, 4 (Máximo) significa que 77,4% dos EAP observados eram agitados e atarefados; dos nervosos a percentagem era de 70,7, enquanto a média de todos os indivíduos não chegou a 41. O questionário elaborado por Heymans e Wiersma encontra-se transcrito na íntegra no «Traité» de Le Senne, em anexo no final da obra.

(6) l. c., pág. 76-7.

(7) Le Gall, l. c., pág. 111.

atento e numeroso a quem domine pela veemência, facilidade e vigor das palavras, desempenhando com prazer o papel de «tribuno da plebe»!

Mas a actividade no agrupamento EA que o aproxima do apaixonado faz sentir os seus efeitos e transforma aqueles mesmos desejos que nos nervosos não passavam de veleidades em resoluções mais ou menos sèriamente encaradas.

O nervoso sente muitas vezes o círculo familiar acanhado e anseia partir para regiões longínquas onde vibre com aquelas emoções que o encantam e ao mesmo tempo o destroiem. Mas, inactivo, contenta-se geralmente com o sonho (8).

Ora o colérico sempre ameaça — e o perigo é real — passar a acto idênticos sonhos e anseios. Profundamente independente, não é raro que se revolte contra a disciplina familiar e a autoridade paterna, particularmente quando esta se exerce de modo muito duro, pouco simpático ,ou quando lhe impõem castigos públicos e humilhantes. Melhor será levá-lo pelo coração do que pelo raciocínio; convirá dirigirmo-nos a ele cara a cara, atacando directamente o assunto em que queremos censurá-lo (9), mostrando-lhe a inferioridade de tal conduta, apresentando-lhe a beleza do comportamento certo e recordando-lhe que ele «nasceu para coisas mais altas»: este último argumento é singularmente eficaz pois ele, grande idealista, detesta as emprezas mesquinhas e todo o seu sonho é fazer algo de grande e notório.

Apreciemos um novo quadro estatístico em que bem se mostra a influência da

---

(8) Demos a palavra aos poetas, que tão bem sabem exprimir estes sentimentos de evasão:

«A minha alma era dum cigano sedentário
que tinha uns olhos tristes de ver partir os outros
sem coragem de ir também.
Mas um dia virá — eu vo-lo juro — um dia extraordinário
em que eu hei-de partir para mundos ignotos
sem dizer nada a ninguém».
... ...

(«Alma de Cigano» — poema — António Quadros, in *Estudos*, n.º 307, Maio — 1952, pág. 280).

«Sempre que leio nos jornais:
«De casa de seus pais desapar'ceu...»
Embora sejam outros os sinais,
Suponho sempre que sou eu.
... ...
Eu, que pudesse, enfim, ser eu!
— Livre o instinto em vez de coagido.
De casa de seus pais desapar'ceu...
Eu, o feliz desapar'cido!»

(Carlos Queirós — «O Desaparecido e outros poemas»).

(9) Mas — atenção — que a censura não seja áspera e que sempre transpareça a nossa amizade e simpatia!

actividade que o distingue do nervoso e o aproxima dos apaixonados (EA) e dos sanguíneos (AP).

QUADRO II

PROPRIEDADES	*Col.*	*Sang.*	*Nerv.*	*Méd.*
Alegre e de bom humor	50,2 (Máx. nítido)	47,4	35,1	35,4
Demonstrativo	73,9 (Máx. nítido)	43,2	56,9	45,8
Sempre ao trabalho	90,7	90,5	7,5	56,4
Negligenciar os trabalhos impostos ...	15,2	11,6	41,4 (Máx.)	19,3
Ocupado	83,3 (Máx.)		17,8	47,8
Perseverante	43,2	64,2	22,4	40,9
Sentido prático e inventivo	71,6	81,1	41,9	59,5
Presença de espírito	63,8	65,3 (Máx.)		48,7
Habilidade manual	76,7 (Máx. nít.)	68,4		59,6
Rapidez de concepção	59,9	63,2 (Máx.)		52,4

A alegria de viver e o bom humor (eucolismo) aumentaram sensìvelmente do EnAP ao EAP, bem como a demonstratividade. Mas há mais: a presença do factor A fez mudar sensìvelmente o panorama, tal como a inclusão de um acidente musical leva a melodia a passar de tom menor a tom maior; referimo-nos a todas as propriedades ligadas ao trabalho e que são manifestações diversas do poder da vontade: sentido prático, presença de espírito, grande capacidade de acção, etc. Note-se que a perseverança e o realizar os trabalhos impostos apenas se apresentam ligeiramente superiores à média, no que devemos ver o efeito polarizante da primaridade.

Uma das qualidades mais evidentes do colérico é a *exuberância*, i. e., uma poderosa vitalidade que se traduz em cordialidade, arrojo e tendência para satisfazer imediatamente os desejos mais diversos e impetuosos que lhe surgem da imaginação ou são ditados pela sexualidade, geralmente forte, e gosto pela alimentação. Necessário se torna não deixar perder tal força em aventuras medíocres, em prazeres inferiores, antes orientá-la para as grandes empresas com que este jovem sonha e às quais, com efeito, é muitas vezes chamado. Para isso importa, como diz e muito bem A. Le Gall, oferecer-lhe «travões e derivativos. Os travões consistem numa sólida educação moral, num treino contínuo da disciplina de si próprio (...). Mas como seria absurdo — e vão — propor-lhe uma vida ascética e fechada, é preciso dar saída à sua necessidade de agir, ao seu amor à vida, ao seu optimismo activo, e essas saídas serão diversões para a pressão interior que o enerva. O desporto é o melhor destes derivativos» (10).

Eminentemente sociável, mostra-se um generoso e jovial camarada. Os seus companheiros nem sempre serão muito bem escolhidos, mas a sua amizade é sinceríssima, total, ignorando diferenças sociais ou económicas, embora frequentemente mar-

(10) Le Gall, l. c., pág. 188. O jovem colérico gosta dos jogos violentos e em grupo. Os desportos individuais poderiam talvez ter a vantagem de o não envaidecerem, pelo quase isolamento a que obrigam.

cada pela superficialidade e volubilidade. É preciso vigiá-lo e às suas companhias, embora com prudência e sem rispidez.

É profundamente confiante e generoso, acreditando ingènuamente que os outros assim são também:

> «É assim que Armando (EAP, com perto de 10 anos), durante uma pequena lotaria em que distribuíamos todos os objectos confiscados ou sem dono, antes das férias da Páscoa, tem pena de um visinho que perdeu os bilhetes e reparte espontâneamente com ele os números que lhe restam» (11).

Esplêndido companheiro, pode ser também um bom chefe, embora se tenham de pôr algumas restrições: a perseverança é apenas média, a impulsividade é forte, falta-lhe espírito organizador, grande versatilidade dos interesse e gosto demasiado pronunciado pelas mudanças. Mas possui inegáveis qualidades: optimismo, simpatia irradiante, popularidade, grande espírito de decisão e iniciativa, fortíssimo gosto pela política e o poder oratório a que já nos referimos (12). Trabalhando sob controle, poderá dar um magnífico rendimento.

III — INTELIGÊNCIA E TRABALHO

Paul Griéger num livro muito interessante e que constitui uma valiosa contribuição para os estudos caracterológicos, introduz uma fecunda distinção entre «inteligência nua» e «inteligência investida» (13). A primeira representa a aptidão inata do espírito para a análise e a abstracção; a segunda considera esta aptidão exercendo-se no complexo vivo que é o homem com o seu carácter. Assim, consideradas as coisas no campo das hipóteses, poderia dar-se o caso de dois homens, com idêntica inteligência nua, i. e., com a mesma capacidade de análise nocional, se encontrarem em diferentes condições de a utilizar. Um deles, p. e., um nE A S (fleumático) terá maior rendimento e deverá dizer-se mais inteligente (inteligência investida) do que o outro que supomos ser um nE nA S (apático). Quer isto dizer que o carácter desempenha um papel primordial no exercício da inteligência, especificando-a e limitando-a; há que admitir por isso que certos caracteres sejam, neste aspecto, mais favorecidos pelas propriedades básicas do que outros (para além do bom ou mau uso que delas a liberdade sempre pode fazer).

O quadro seguinte mostra-nos os números comparativos do colérico com outros caracteres.

Deixemos a palavra ao próprio Griéger: «a impressão geral que deixa o exame deste quadro é a inferioridade do colérico nas virtudes abstractas, nos talentos especìficamente intelectuais... (l. c., pág. 93)». A sua inteligência é do tipo *generalisante concreta,* isto é, apta a formular leis e regras mas pouco inclinada à abstracção, preferindo decididamente o concreto das coisas.

---

(11) R. Gaillat, l. c., pág. 107.

(12) Entre os EAP se encontra o maior número de revolucionários, condutores da massa e cabecilhas dos mais diversos movimentos. Eis uma lista de coléricos históricos: «Balzac, Beaumarchais, Casanova, Benevuto Cellini, Danton, Déroulède, Dickens, Diderot, Dumas pai, Fielding, Francisco I, Gambeta, Victor Hugo, T. H. Huxley, Jaurès, Mirabeau, Murat, Péguy, Abade Prévost, Proudhon, Rabelais, Frederico Rauh, George Sand, Walter Scott, o Conde de Saint-Simon» (Le Senne, l. c., pág. 300).

(13) Paul Griéger — «L'intelligence», Col. Caract., P.U.F., no prefácio de R. Le Senne, no capítulo I, pág. 35-9 e *passim*.

«Sabemos — diz Le Gall — que os gostos não coincidem necessàriamente com as aptidões. Contudo nota-se aqui um paralelismo notável»: (15) os resultados escolares são tanto melhores quanto maior gosto pelas disciplinas tem o colérico. Os seus estudos preferidos são a história, pelo entusiasmo que os seus heróis e batalhas lhe cau-

QUADRO — III

PROPRIEDADES (15)	%	Lugar	Média Geral (%)	COMPARAÇÃO (%)	
Apanhar o essencial	6	4º	11	nEAS, 36 (1º)	nAP, 2 (mín.)
Multiplicar os conceitos	50	2º	21	nEAP, 71 (1º)	nEnAS, 10 (mín.)
Compreensão intelectual	55	4º	41	nEAS, 79 (1º)	nEnAS, 12 (mín.)
Comparação original	45	3º	36	EAS, 81 (1º)	nEnAP, 10 (mín.)
Concepção rápida	56	2º	31	nEAP, 62 (1º)	nAS (mín.)
Ideação abundante	36	4º	32	nEAP, 67 (1º)	nAS (mín.)
Reflexão abstracta	49	4º	40	nEAS, 83 (1º)	EnAS, 11 (mín.)
Concisão e precisão	36	4º	36	nEAS, 65 (1º)	EnAP, 12 (mín.)
Interesse pelos problemas:					
— metafísicos	13	4º	26	EAS, 81 (1º)	nEnAP, 2 (mín.)
— positivos	64	3º	43	nEAP, 91 (1º)	EnAS, 9 (mín.)
— sociais	72	2º	40	EAS, 74 (1º)	nEnA (mín.)
— políticos	88	1º	41	EAS, 84 (2º)	nEnA (mín.)
Gosto pelas ciências:					
— matemáticas	13	7º	27	nEAS, 63 (1º)	EnAP, 7 (mín.)
— filosóficas	23	5º	33	EAS, 85 (1º)	nEnA (mín.)
— técnicas	25	3º	22	nEAP, 67 (1º)	nEAS, 35 (2º)
Interesse pelos objectos	29	7º	46	nEAS, 68 (1º)	EnAP, 25 (mín.)
» por si mesmo	25	2º	16	EnAP, 29 (1º)	nEAS, 3 (mín.)
Necessidade de verificação:					
— Provas físicas	36	2º	15	nEAP, 71 (1º)	nAP (mín.)
Ligação de explicação	52	2º	24	nEAP, 75 (1º)	EnAP, 11 (mín.)
Organização polisistemática ...	45	2º	21	nEAP, 67 (1º)	nEnAP, 7 (mín.)
Ordem, método	25	6º	39	EAS, 76 (1º)	nAP (mín.)
Expressão objectiva	11	6º	39	nEAS, 81 (1º)	EnA (mín.)
» coerente	29	4º	35	nEAS, 83 (1º)	nAP (mín.)
» veraz	25	6º	41	nEAS, 70 (1º)	nAP (mín.)
Estilo preciso e claro	19	6º	38	nEAS, 74 (1º)	EnAP, 9 (mín.)

sam; a geografia que o transporta aos locais dos feitos históricos, lhe satisfaz a sede de viajens e se coaduna com o seu gosto pelo positivo; as ciências e os trabalhos manuais e caseiros (pregar, arranjar instalações eléctricas, pintar, caiar, jardinar...) por serem o próprio concreto; a ginástica e o trabalho em equipe por darem respectivamente vasão à sua vitalidade e corresponderem ao seu amor pelo colectivo. Mas a

(14) Le Gall, «Les insuccès scolaires», pág. 55, col. Que sais-je?, P.U.F..

(15) Este quadro é reproduzido da obra de Griéger, atrás indicada, pág. 93. A coluna «Propriedades», tal como já dissemos anteriormente, faz parte de um questionário; este foi elaborado pelo autor de *L'intelligence* e vem neste livro a pág. 265-8, em anexo.

matemática, a filosofia, a ortografia..., não os entusiasmam e nelas fraquejam frequentemente (16).

«Este interesse pelo positivo que — como diz muito justamente Griéger (op. cit., pág. 97) — nada mais é do que um caso do interesse pelo actual», recomenda normalmente uma orientação técnica. Esta evita-lhe as grandes dificuldades que para ele têm as teorias e adapta-o harmònicamente ao trabalho. Esta última vantagem é importante, visto ele ter tendência a ser um tumultuário, é muito irregular no estudo e, quer nas aulas, quer em casa apresenta-se como um verdadeiro pé de vento...

Outras vezes será indicado deixá-lo seguir os seus sonhos aventureiros: aviador, marinheiro, missionário...; outras ainda, há que favorecer e aproveitar uma real aptidão artística.

Que métodos utilizar no ensino? Todos os que o levarem a tomar parte viva na aprendizagem, em especial os jogos e concursos. Mas, acerca destes, tenhamos presente o aviso sensato de Le Gall: há a emulação-combate que quer encorajar um, ferindo os outros; «mas há também a emulação pessoal em que se faz notar a cada um os seus progressos ou faltas, sem os comparar às faltas e aos progessos dum outro» (17). Se a inteligência lhe permite estudos liceais ou universitários não pensemos em profissões burocráticas e demasiado sedentárias ou eminentemente intelectuais (matemática e filosofia, em particular); também não são de aconselhar carreiras em que a calma, ponderação ou ainda o espírito sistemático sejam exigidos (medicina, análises, magistratura...). Mas fica-lhe sempre campo aberto para mil outras profissões em que a sua actividade transbordante possa empregar-se ùtilmente.

*

Sem dúvida que mais se poderia dizer sobre este carácter tão rico, tão cheio de possibilidades e de simpatia, mas o espaço não o permite, nem estava dentro das nossas intenções. Digamos em síntese: «A força deste carácter está na sua extraordinária vitalidade, a sua fraqueza na dispersão e no esbanjamento que a primaridade pode causar a esta riqueza» (18).

Esperamos ter a possibilidade de dizer, num dos próximos números da Novellae, alguma coisa sobre os EAS (apaixonados) que são, em certo sentido, os homens mais favorecidos pelas três propriedades de base.

ANTÓNIO SERRÃO

(16) Cfr. R. Gaillat, l. c., pág. 147-54, 171-72.

(17) Sobre os métodos pedagógicos no ensino do colérico, veja-se o que diz A. Le Gall em Les ins. scol., pág. 111; sobre a emulação leiam-se atentamente as magníficas págs. 191-3 da Car. Enf. Adol..

(18) A. Le Gall, Car. Enf. Adol., pág. 207.

TRIBUNA DOS LEIGOS

Supomos que toda a gente reconhece a vantagem de um contacto sério e profundo entre clérigos e leigos, e aqui está o motivo que nos leva a inaugurar esta nova secção. Que nos podem os leigos dizer? Cremos que muito, sobretudo darem-nos o testemunho da sua maneira de encarar a vida, os homens e até os próprios padres.

Começamos por apresentar um artigo do Dr. Jorge Biscaia. Ainda estudante, foi dirigente do C.A.D.C., sub-director da revista «Estudos» e relator no I Congresso da J.U.C.. Formado com elevada classificação na Faculdade de Medicina de Coimbra, especializou-se em Pediatria e exerce actualmente clínica na Figueira da Foz onde é, além disso, médico da «Casa da Mãe», instituição de assistência materno-infantil. Esteve recentemente em França num Curso de Pediatria Social que se prolongou por três meses e em que tomaram parte mais de 20 países, tendo ele representado Portugal.

NOVOS CONCEITOS DE PEDIATRIA SOCIAL

Poderá parecer absurdo que um tal artigo venha numa revista como «Novellae Olivarum», e por isso mesmo o meu primeiro trabalho será de justificação.

A razão mais importante resulta logo do conceito que eu como leigo faço do padre e, portanto, do seminarista que o pretende ser.

Realmente, se o padre é de certo modo um ser isolado, solitário, e «la vie par les sacrements» como dizia Claudel, não é menos verdade que ele não pode ignorar o mundo que o rodeia. Tal como Cristo, o único sacerdote, se fez homem para sentir na sua própria carne o maior dos sofrimentos humanos assim também o padre deve conhecer o mundo de que é legado e pastor.

Como Igreja que é, terá de compartilhar as preocupações do género humano. Não poderá ausentar-se, mas estar presente. Daí que deva interessar-se pelos problemas que a civilização, que os progressos científicos ou as mutações sociais possam criar. Como medianeiro da Cidade deverá ser como diz o Cardeal Suhard «homem de Deus e homem dos homens». Paradoxo vivo pois que «estando morto para o mundo, como homem do séc. XX deverá perguntar diàriamente como tornar-se semelhante aos operários que acotovela na rua, como encarar as descobertas das universidades e os progressos da ciência».

Em face dos homens não dirá eu mas nós. Daí que eu não ache peregrina a ideia de vos falar sobre pediatria social. Até porque tendo ela por fim fazer com que a criança seja arrancada à morte e encontre na sociedade que a rodeia as melhores condições para o seu desenvolvimento físico, mental e até moral, estará dentro da sua missão colaborar com todos aqueles que lutam para esse fim. De resto, a ternura pelas crianças que se desprende da leitura de todo o Evangelho encarna bem

esta orientação. E penso até que preocupar-se com a formação da criança num sentido cristão sem atender às suas condiçoes de saúde, nem ao meio familiar e social que a rodeia é mera fantasia e ignorância dos factos.

Assim justificado, poderei retomar a minha definição de pediatria social para dar maior relevo ao facto de que ela tem por fim não ùnicamente salvar da morte o maior número de crianças mas também dar a cada uma delas possibilidades de se realizar numa vida normal. Implica um trabalho de equipa da qual o médico é só uma peça; exige a cooperação de assistentes sociais, psicólogos, juristas, educadores, dos próprios pais e até dos sacerdotes; faz com que a criança seja considerada como um todo cuja personalidade profunda se deve respeitar e enriquecer; dá à educação e à psicologia tanta importância como ao tratamento médico.

A pediatria social é uma ciência que evolui e cujas fronteiras não são estáticas e herméticas.

A vida da criança é hoje mais do que nunca modificada pelo meio social, económico e cultural da família e do país, e a sua salvaguarda quase exige a reforma de toda uma sociedade. Não basta construir hospitais e dispensários, pois tudo o que vai melhorar as condições de miséria duns tantos, a imoralidade de outros ou a ignorância da maioria, poderá ser o contributo mais importante que o bem da criança nos pede. Por isso bordejamos aqui o campo vasto da miséria e da ignorância humana, quase sempre ligadas. Eu sei que elas ultrapassam em muito a nossa esfera, mas nelas reside a maior parte das causas de morbidade e mortalidade infantis. Não se resolvem com palavras, nem com dádivas de medicamentos ou de leites em pó. Solucionam-se lutando por uma melhor justiça social e por um esforço de educação em que todos nos devemos empenhar. Porém, esta justiça social não se deve circunscrever no limite das nações mas passar ao campo internacional.

Nunca como hoje, houve tanta desigualdade da criança diante da morte. Na Idade Média a probabilidade de vida dos filhos dum camponês era sensìvelmente igual em Portugal, como em França ou no Egipto. Mas hoje, enquanto há regiões da Europa como a Holanda ou a Suécia em que a mortalidade infantil é de $16^0/_{00}$, outras permanecem com cifras de $143^0/_{00}$ como o Chile ou de $90^0/_{00}$ como a Jugoeslávia. Isto porque na Holanda e na Suécia a elevação do nível económico e social permitiram uma aplicação dos progressos científicos que não foi possível realizar nos chamados países subdesenvolvidos.

Portugal aparece ainda hoje como um dos da cauda da Europa no que diz respeito à mortalidade infantil — $84^0/_{00}$ em 1958. E essa alta taxa não tem pràticamente descido nos últimos 10 anos — Foi de $89{,}1^0/_{00}$ em 1951 e de $88{,}7^0/_{00}$ em 1957.

Quais são as causas de tal estado de coisas e que se pede a cada um de nós de colaboração para as corrigir?

Verificou-se que a mortalidade infantil é mais influenciada pela educação do que pelo nível económico dos pais. Por exemplo, é maior nos filhos dos comerciantes do que nos dos professores que possuem rendimentos, muito menores mas cultura superior.

Depende mais do esforço feito para educar a população do que do número de postos de consulta e de quilos de Nestogeno que aí são fornecidos.

É clássico já referir o exemplo de dois departamentos franceses em que o estudo foi feito. Em 1952 o departamento de Haute Savoie possuia uma mortalidade de $26^0/_{00}$,

tinha 1 posto de consulta materno-infantil por 10.300 habitantes e menos nível económico do que Pas-de-Calais onde a mortalidade infantil era de 65‰ e havia 1 posto por cada 6.100 habitantes.

Simplesmente Pas-de-Calais tinha metade das assistentes (1 por 4.000 hab. contra 1 por 8.000 habitantes en Haute Savoie) e são estas que vão a casa das famílias, que ensinam às mães as regras de puericultura e de higiene, que as aconselham e guiam nos primeiros tempos.

É evidente que se pode falar em educação ùnicamente quando os bairros de latas foram já vencidos. É impossível dizer a uma mãe que deve ferver o leite, se 3 ou 4 filhos se acumulam numa barraca que é pasto do mau tempo; que não se pode falar em problemas de moralidade e de educação quando pais e filhos dormem na mesma cama em promiscuidade de animais. Por isso todas estas considerações só são válidas para um estádio em que a miséria que distingo da pobreza, foi já ultrapassada. Porém cada vez mais as cidades se povoam pelo êxodo do camponês que foge à incerteza duma agricultura cada vez menos favorecida mas que vai encontrar um desemprego que a sua falta de qualificação não ajuda a resolver. E, mau grado as medidas de protecção, talvez teòricamente certas, cada vez é maior a desproporção entre os lucros das grandes empresas e o salário do operariado principalmente do não especializado. Daí a miséria contra a qual vós também, em certos aspectos, sois chamados a lutar.

Mas, para além desta causa primária de mortalidade infantil, há todo um conjunto de factores que eu acho útil que sejam divulgados.

1.º — A falta de assistência dos partos. 60% deles não são assistidos nem por médicos, nem por enfermeiras, com graves repercussões sobre a mortalidade dos recém-nascidos.

2.º — A falta de vigilância e a não vacinação sistemática contra a tuberculose, coqueluche, difteria, tétano e paralisia infantil — fruto mais da ignorância dos pais do que da ainda pouco extensa organização da protecção materno infantil.

3.º — O número restrito de enfermeiras qualificadas, a inexistência de assistentes sociais, a falência dos médicos mal pagos e pouco interessados no trabalho que fazem.

4.º — A pouca coordenação de todos os serviços, Instituto Maternal, Caixas de Previdência, Casas dos Pescadores, Casas do Povo, Hospitais que têm postos médicos para crianças; a míngua de equipas médico-pedagógicas junto do ensino oficial, de escolas de pais e de ligação família-escola; a insipiência de toda a profilaxia de inadaptação infantis e de perturbações mentais.

Todo um programa, todo um mundo. Muitas coisas já começadas, mas ignorância total do grande público do que se exige neste campo. Porque na base de tudo, deve haver uma verdadeira educação das populações.

A pediatria social é o trabalho duma equipa disse eu. Deve começar não só por uma organização sanitária mais perfeita, mas por uma melhor compreensão dos interessados das regras que devem seguir. Não basta criar maternidades e postos de consulta. É necessário que as mães vão ter os seus filhos nas primeiras e sigam os conselhos que lhe são dados nos segundos. Para isso é essencial o esclarecimento e a colaboração de todos, dos padres e seminaristas como dos médicos e enfermeiras.

O padre rural é geralmente alguém que poderá auxiliar uma campanha sani-

tária. Será talvez seu dever influenciar os mais ricos e mais poderosos, fazendo-os sentir responsáveis, ao menos parcial e indirectamente, pela elevada mortalidade infantil, levando-os a lutar contra a pobreza e a fomentarem na sua região meios de assistência correctos. Mostrará a todos em geral o interesse duma vigilância médica preventiva e duma vacinação sistemática dos seus filhos.

O sacerdote que vive na cidade dirige alunos em aulas de moral e tem a seu cargo classes numerosas de catequese. No entanto nada sabe da influência do ritmo de sono e de vigília na aprendizagem, nada estudou da psicologia evolutiva das crianças que tem de guiar; muito pouco aprendeu de pedagogia.

Impõe-se que ele tenha maior soma de conhecimentos deste tipo porque já hoje foi ultrapassada a ideia apriorística da intuição pessoal. Todo este estudo será uma nova arma da pediatria social, mais um processo de fazer com que a criança salva da morte tenha uma vida sã.

Por isso não devemos esquecer que o meio normal da criança é a família e que é em grande parte da formação dos pais que irá depender o futuro dos filhos. Na medida em que é na sociedade familiar que repousam as maiores responsabilidades é sobre ela que nos devemos debruçar para que a criança — que uma organização e uma propaganda das regras sanitárias livrou da morte — se torne alguém em caminho de salvação.

Talvez esta ideia da transcendência do destino humano não estivesse no pensamento daqueles que há apenas 10 anos primeiro falaram de pediatria social, mas toda a doutrina se perde se não houver Deus no seu términus.

Por isso mesmo vos resolvi falar, para que melhor sintais aquilo que bem sabeis: que mesmo às coisas técnicas há a possibilidade de dar um sentido religioso e que, em toda a orientação da vida humana, Deus deve ser princípio e fim.

JORGE BISCAIA

BIBLIOGRAFIA

COMPÊNDIO DE TEOLOGIA PASTORAL

D. Jaime de Barros Câmara
Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro

Reconhecendo embora o trabalho que a boa vontade e o zelo de muitos tem levado a cabo, pode dizer-se que o estudo que entre nós se tem feito da Teologia Pastoral é, de um modo geral, deficiente. Várias razões, entre as quais se contam a dificuldade própria do assunto, a falta de elementos, mesmo a escassês de tempo no curso de teologia dos seminários, concorreram para que em alguns sítios muito pouco se tenha feito neste capítulo.

Quanto é grave a falha que daqui resulta para a formação dos futuros padres, nem é necessário dizê-lo por demasiado evidente. Há, sim, que agradecer, encorajar e ajudar tudo o que de sério se faça no sentido de preencher tal lacuna.

Tem, pois, toda a oportunidade falar-se aqui de uma obra que, no Brasil, grande auxílio veio trazer ao estudo da Pastoral — o «Compêndio de Teologia Pastoral» de Sua Eminência o Senhor Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara — não com a atrevida intenção de criticar ou corrigir, mas sim para de certo modo a dar a conhecer aos que ainda com ela não contactaram. «Foi simultâneamente com visitas pastorais — são palavras de Sua Eminência — pregação de retiros, visitas canónicas ao seminário e a comunidades religiosas, isto é, em instantes furtados a trabalhos sérios, que bem ou mal prosseguia a feitura desta obra». Isto nos dá a conhecer não só as circunstâncias da elaboração do livro, mas também muito nos diz sobre o autor — pessoa com grande experiência dos assuntos que se propôs tratar, zeloso pastor do rebanho de Cristo.

Escrito para o Brasil, o Compêndio de Teologia Pastoral tem, evidentemente, aspectos locais que só ao clero brasileiro dizem respeito. No entanto é de inegável interesse para o nosso país, mesmo pela afinidade existente entre o povo do Brasil e o de Portugal, se bem que a apresentação dos princípios universais da doutrina da Igreja, por si mesma bastasse para tal.

As prescrições do Código de Direito Canónico e de outros documentos oficiais da Santa Sé, bem como do Concílio Plenário Brasileiro, apresentadas segundo uma ordem sistemática, formam o que poderíamos chamar a «estrutura fundamental» desta obra. Por toda a parte se encontra equilíbrio e bom senso nos comentários, profundo sentido das realidades. Adivinha-se uma experiência pessoal cujos ensinamentos foram inteligentemente aproveitados e nos são agora oferecidos.

O livro tem duas partes. A primeira trata da «Pessoa do Pastor»; a segunda, bastante mais desenvolvida ocupa-se dos «Encargos do Pastor» divididos em «Conhecer, Ensinar, Reger e Santificar» — tudo apresentado de maneira muito prática e com preocupação de fornecer as indicações necessárias para o dia a dia da vida pastoral e recta organização da mesma.

Como Sua Eminência reconhece em algumas palavras escritas à maneira de prefácio, o compêndio que elaborou não esgota o assunto, não é uma obra definitiva, mas justamente se dirá que pode ser uma valiosa ajuda para o clero, sobretudo nos primeiros tempos da sua actividade apostólica. Era esta, afinal, a intenção do autor. Todos lhe estamos agradecidos.

JOÃO SEABRA DINIS

BOLETIM DE INFORMAÇÃO PASTORAL

Saiu mais um número do *Boletim de Informação Pastoral* que o Secretariado de Informação Religiosa, órgão do Episcopado Português, publica para o clero e para os católicos mais conscientes dos seus deveres apostólicos e mais interessados pela vida da Igreja em Portugal.

Não podemos deixar de recomendar esta revista, que pode ser pedida para a *Administração do B. I. P., Praceta do Estado da Índia — Moscavide, Lisboa 6.*

CRÓNICA

O final deste ano lectivo foi marcado com... — e estou mesmo a ver os nossos leitores apensarem nos tão famigerados exames — mas não, posso assegurar-vos que não, este ano como aliás o ano passado e o outro terminou com um retiro, um retiro não está bem dito vários retiros um para cada um. Para quem está habituado a viver em comunidade estranha um pouco estes últimos dias vividos tão individualmente: somos examinados nas provas orais um por cada vez, fazemos retiro cada um para si e por si e finalmente é raro verem-se dois, no mesmo dia e à mesma hora encetaram uma viagem para o mesmo sítio. A comunidade vai-se assim desfazendo aos poucos até se extinguir completamente no primeiro dia de férias dos últimos a começa-las.

Como disse, os exames não foram a última actividade deste ano. Também acabaram, mas não foram eles que acabaram com o ano, fomos nós e se nos custou... Naquela segunda metade de Junho vive-se com altas pressões... nervosas, altas temperaturas, altas discussões e... notas baixas; pouco, em relação ao que se esperava. É sempre assim o homem desde que é homem aspira sempre ao mais alto e aqui no caso às mais altas... classificações. O que este ano ainda assim houve com certa abundância, talvez fruto das tais pressões e temperaturas de que atrás se falou, foi o aparecimento daquela espécie animal «vulpesiana» muito conhecida nos meios escolares e intelectuais e neles pouco desejada. Tantas horas dispendidas num esforço tenaz e constante na solidão dum quarto; tanto fósfero gasto e... tão poucas luzes acesas. Mas deixemo-nos de lamentações porque, embora muitos assim o não julguem, elas não são necessárias num enterro. Os ditos exames que são para nós o «venenum» foram tragados com certa superioridade, direi mesmo com solenidade e eloquência — uns pequenos Sócrates no saber e na virtude elevando a sua taça que nós, confiados como estávamos na segurança dos nossos conhecimentos, sabíamos conter não a histórica sicuta, mas algo de mais doce e menos mortífero que uma vez sorvido nos daria possibilidade de avançar mais um passo para a meta que pretendemos alcançar.

Os primeiros, se não estou em erro, a interromperem as suas férias ainda com pouco mais do que quinze dias de existência foram os escuteiros que este ano chefiados pelo João do Nascimento e assistidos pelo Rev. Padre Francisco Cosme se deslocaram até aos Amiais de Baixo. E assim que chegaram, pela maneira como foram recebidos logo se desfizeram todas essas lendas quase de «Adamastores» que se teciam à volta dos Amiais e, ao que parece, quase infundadamente. Não foi tempo perdido aqueles quinze dias que os nossos escuteiros ali se demoraram. Viveu-se em cheio o ideal escuta que muito enriquece aqueles que a ele se devotaram, prepararam-se para o santo Baptismo vários adultos e além disso quantas vezes não eram eles rodeados por homens e rapazes que vinham conversar e no meio das conversas expunham com grande simplicidade as suas dúvidas. A esses e a tantos outros com quem se contactou apenas com um «bom dia» ou um «boa tarde» sorridentes, e a outros que ouviram o som dos seus apitos, quanto bem se não fez?

A quinta do Saldanha lá em Sintra abrigou este ano durante quase um mês todo o filosofado. Dez dias para os do segundo ano e outros dez para os do terceiro. Vai sendo já tradição que as colónias de Sintra corram com muito agrado. E desta vez a tradição manteve-se. Para qualquer lado que nos voltássemos, em qualquer recanto que nos encontrássemos aquela frescura e aquela beleza

panorâmica enchiam-nos completamente a alma sem deixar nela o mais pequeno vazio. E como andávamos com a alma cheia, ela transbordava ao mais pequeno balanço em cantares nos mais diversos tons e línguas.

O eléctrico que nos conduzia até à praia era quem mais provocava tais cantigas, pois não imaginam os balanços que o pobre dava. Era uma autêntica canoa no alto mar, uma canoa em moldes talvez... atómicos. E o que mais dava a caminho da praia ou nas caminhadas a Monserrate, aos Capuchos, à Pena, ao Castelo dos Mouros, à Lagoa Azul etc., eram as «cantigas em série» (designação que tomavam os canons que nós interpretávamos) rendiam mais e tinham outro efeito. Podia chover papel para se descreverem com todos os pormenores as nossas visitas aos lugares «turísticos» de Sintra. («Turísticos porque também eles eram toureados pelas nossas vozes roucas e salgadas).

Mas os dez dias passaram depressa e a colónia chegou ao fim. Para os primeiros, mesmo a despedida teve aquele cunho de novidade que caracterizou cada um dos dias ali passados e para os do terceiro ano as chamas do último fogo de conselho estavam impregnadas deu ma certa saudade, duma saudade que não podia deixar de ser alegre: e que era o nosso último encontro como filósofos.

O dia quinze amanheceu límpido e belo. Um dia muito digno para lhe ser atribuida a data de quinze de Agosto de 1959. À Sé começa a chegar gente vinda de muitas partes do país que nesse dia ou nas vésperas se deslocaram até Lisboa. Lisboa era uma pequena Jerusalém em dias de Pentecostes. De Sintra com o Sr. Dr. Maurício chegaram os filósofos impròpriamente ditos. Do seminário chegaram pouco depois todos os ordinandos de ordens sacras acompanhados pelos nossos superiores e restantes teólogos. E a cerimónia da grande ordenação começou pelas nove horas. Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca dignou-se conferir o presbiterado aos diáconos Albino Cleto, Avelino Barata, António Ribeiro, António Crisóstomo, António Machado, António Escudeiro, Armando Vieira, Joaquim Venâncio, Manuel Aníbal Mota, Rodrigo Gouveia, Ernesto Arantes e Fernando Guerra; o diaconado ao Fernando Micael Pereira e o subdiaconado a António Marques Garcia, Carlos Simão, David Mendes, Félix Tavares, João Morais, João Seabra, Luís Fialho, José Diogo, e Orlando Leitão. Uma vez terminadas as cerimónias chovem abundante abraços de parabéns aos que acabam de receber ordens. E foi neste ambiente festivo que nos sentámos no Seminário para o almoço a que presidiu o Senhor Cardeal. No fim deste usou da palavra eloquentemente o Padre Albino Cleto agradecendo a Sua Eminência e ao Seminário na pessoa dos nossos superiores o seu sacerdócio. A nós deixou-nos uma palavra de coragem, incitando-nos a segui-los e foi com ela que nos dispersámos recomeçando as nossas férias em boa hora interrompidas.

Francisco Duarte

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª LIMITADA

Casa fundada em 1832

A casa mais antiga do País no seu género

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Lampadários, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado. CROMAR, PRATEAR, NIQUELAR, BRONZEAR.

166, RUA DO OURO, 170
17, RUA DE S. TIAGO, 19
LISBOA

Vendas a pronto e a prestações

O Café d'A Mariazinha é inconfundível em cor, aroma e paladar.
O nome d'A Mariazinha é segura garantia

Rua Barros Queiroz, 28
Lisboa-2
Av. Rio de Janeiro, 25-B
— Frente à Igreja —
Lisboa-5

C. Santos

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, e Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços.
Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor.

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE

LISBOA
ROSSIO, 93-2.º

FILMES 16 M/M SONOROS DE LONGA METRAGEM



★

SOLICITE O CATÁLOGO PARA 1959/60 DA MAIOR

CINEMATECA DO PAÍS

★

PATHÉ BABY PORTUGAL LDA.

Lisboa — R. S. Nicolau, 22 — Tel. 20921 (PPC) e 30961
Porto — R. Santa Catarina, 315 — Tel. 24304

NOVOS FILMES A CHEGAR BREVEMENTE

SOCIDEL

SOCIEDADE COMERCIAL DE ARTIGOS DE DESPORTO, LDA.

RUA NOVA DO ALMADA, 51 LISBOA

TUDO PARA DESPORTO



QUALIDADE POR QUALIDADE

OS MELHORES PREÇOS